

Cúpula do PFL impôs Maciel a Fernando Henrique

166

HELENA CHAGAS E
LETÍCIA BORGES

SUCESSÃO



Apesar do jogo de cena, de apelos recíprocos e horas de reuniões em que vários nomes eram discutidos, a cúpula do PFL não perdeu o controle da operação que substituiu o senador Guilherme Palmeira na chapa de Fernando Henrique Cardoso, ignorando as preferências do PSDB e indicando um dos seus próprios integrantes. Na reunião na casa do senador Marco Maciel para sacramentar a escolha, a vice esteve por alguns instantes nas mãos do deputado Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA), que recebeu um apelo do anfitrião para que aceitasse o cargo. "Não aceito agora porque não aceitei antes. Se não quis quando Fernando Henrique tinha 16% nas pesquisas, não posso querer agora com 30%", reagiu o deputado, devolvendo a bola para Maciel. "Se estou sendo convocado, aceito a missão", cedeu por fim o senador.

Maciel ainda tentou transferir a reunião, que entrava pela madrugada, para o dia seguinte. Ninguém concordou. A preocupação da noite era demonstrar rapidez e agilidade na solução da crise, marcando a diferença entre o comportamento da coligação com o PT no caso Bisol. "Não podemos perder tempo", insistia Fernando Henrique, que chegou com Pimenta da Veiga, no meio da reunião, sem ser visto por um batalhão de repórteres que cercava o prédio desde o início da noi-

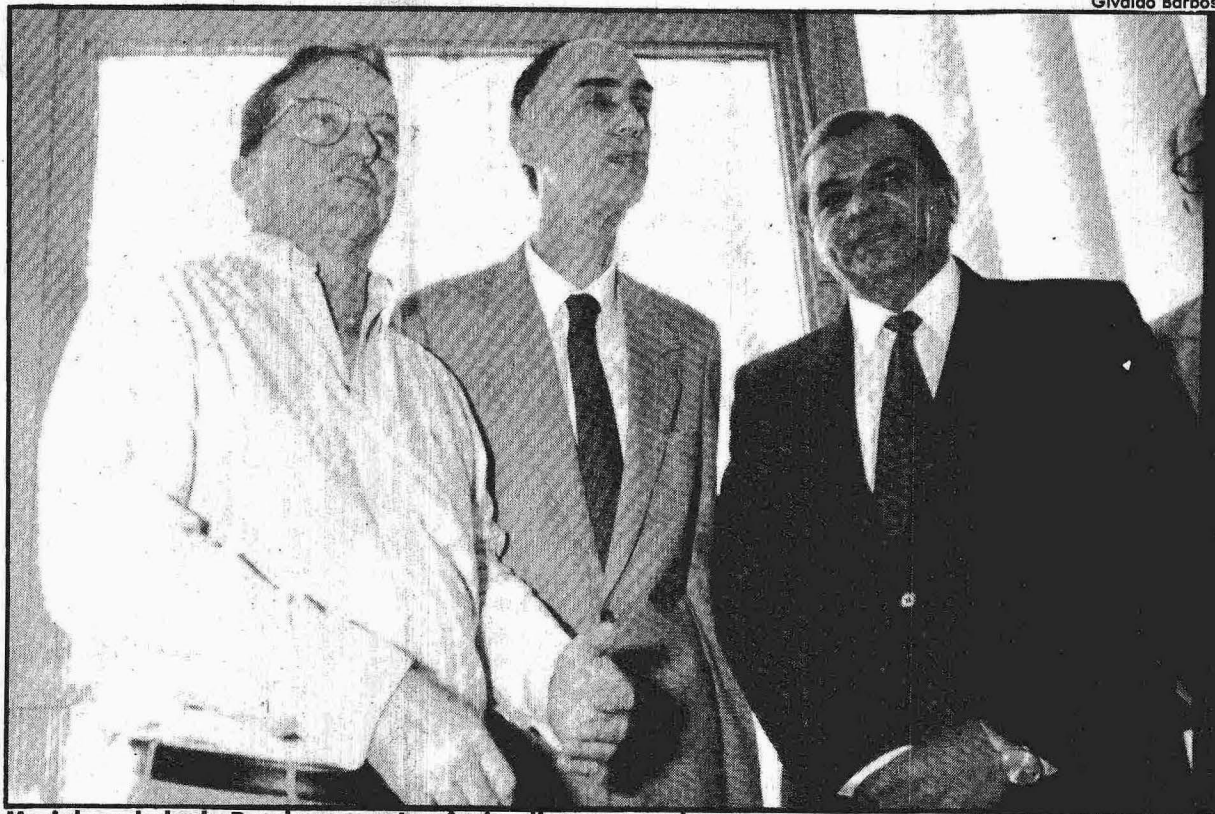
te. Diante disso, Maciel concordou com a divulgação imediata de seu nome.

Opção nítida — A opção da cúpula partidária por Marco Maciel era nítida desde as primeiras denúncias contra Palmeira. Mas, diante da preferência do PSDB por nomes como Gustavo Krause ou Roberto Magalhães, os pefelistas decidiram analisar outras alternativas. A presença de Krause, que não é da cúpula, demonstra esse cuidado. O deputado, porém, teve seu nome descartado por causa da candidatura ao governo de Pernambuco. O mesmo ocorreu com Jorge Bornhausen, candidato em Santa Catarina, e com Vilson Kleinunbing.

A essa altura, a carta de renúncia de Guilherme Palmeira já estava no bolso do presidente do PFL, Jorge Bornhausen. Decidido o nome do novo vice, tratou-se então de redigir a carta lida ontem pela manhã por Bornhausen em resposta ao gesto do senador. Os participantes da reunião chegaram a se preocupar com questões práticas como a falta de um datilógrafo. Sempre providente, porém, Maciel levantou-se e disse que tinha um funcionário esperando para qualquer emergência. O que provocou comentários irônicos de Bornhausen: "Trabalhando a essa hora, tem que ser escravo, e não funcionário".

Argumentos — Nas discussões em torno da escolha de Maciel, pesaram dois argumentos além do fato de o senador pertencer à cúpula do partido: é nordestino — de estado onde o PFL tem maior bancada — e tem poder de articulação reconhecido até pelos adversários. A partir de hoje, o novo vice de FHC estará assumindo uma coordenação mais vigorosa da campanha no lugar onde faltam votos para o candidato: o Nordeste.

Givaldo Barbosa



Maciel, ao lado de Bornhausen e Inocêncio, disse que aceitou a vaga por ser uma "convocação" do PFL